

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO¹

Ana Maria Potma Barbosa (ana_potma@hotmail.com)

Giselle Cristina Smaniotto (gisellesmaniotto@yahoo.com.br)

Eliane Santos Raupp (eliane.sraupp@gmail.com)

RESUMO – Este trabalho coaduna as ações realizadas no Projeto de Extensão “Estudos do texto em contextos de ensino e de aprendizagem” e estudos realizados para o trabalho de conclusão do curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia e tem por objetivo-analisar se o ensino da leitura e da escrita nas classes de alfabetização está pautado na perspectiva dos gêneros textuais. A pesquisa de campo realiza-se em uma escola da rede pública municipal, na qual observam-se participativamente três turmas do 1º ciclo do ensino fundamental, além de dar voz às docentes por meio de entrevistas. O processo de pesquisa está em andamento de modo que serão apresentados seus resultados parciais a partir dos quais já é possível apresentar um panorama das reflexões realizadas. Pode-se afirmar, provisoriamente, que apesar dos estudos recentes e dos documentos oficiais, como os PCNs (1997), assumirem o ensino da leitura e escrita na perspectiva dos gêneros as práticas docentes ora analisadas apresentam iniciativas positivas e também dificuldades para implementar tais orientações.

PALAVRAS-CHAVE – Alfabetização, Letramento, Gêneros Textuais.

Introdução

Os gêneros textuais estão presentes em todos os momentos da vida das pessoas. Porém, é papel da escola ensiná-los sistematicamente, reconhecendo sua grande diversidade e importância para o processo interativo. De acordo com Nascimento e Saito (2005, p. 4)

Com o aparecimento da cultura letrada escrita (e já se fala em cultura eletrônica) multiplicaram-se os gêneros textuais. Hoje pode-se dizer que a construção do letramento escolar é um processo de apropriação de gêneros secundários (complexos), ou seja, de “transmutação dos gêneros primários” que a criança já domina antes de ingressar na escola.

¹ A autora é acadêmica do curso de Pedagogia e bolsista do Projeto de Extensão “Estudos do texto em contextos de ensino e aprendizagem”

Isso significa que a escola possui uma função primordial no ensino dos “gêneros secundários²”. Ainda segundo as autoras, os gêneros “(...) se concretizam em formas diferentes – em gêneros distintos – que possuem características contextuais, discursivas e linguísticas específicas que precisam ser objeto de *ensino sistemático*” (NASCIMENTO e SAITO, 2005, p. 12- grifos nossos).

Além disso, documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCNs) definem o conceito de gênero textual (com base nos estudos bakhtinianos) e apontam para a importância do trabalho com os gêneros na escola. De acordo com este documento,

Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado (BRASIL, 1997, p. 23).

Além dos PCNs e dos estudos recentes sobre o ensino da língua considerarem fundamental o trabalho com os gêneros textuais no ensino fundamental, também as avaliações externas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) - Prova Brasil e Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) –assumem essa perspectiva na proposição de suas provas. Vários descritores da Prova Brasil tratam do ensino dos gêneros textuais, como o que se refere às “Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto”, fato atestado no descritor 9: “Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros” (BRASIL, 2008, p. 22). Também a ANA em sua matriz de referência considera que

(...) a alfabetização, em uma perspectiva de letramento, implica o domínio do sistema alfabético de escrita, o começo do aprendizado da norma ortográfica, o domínio progressivo da escrita e a leitura de textos de *diferentes gêneros*, bem como a compreensão das funções que a escrita cumpre na sociedade (BRASIL, 2013, p. 15- grifos nossos)

Reconhecendo a relevância do tema e em diálogo com as discussões e ações do projeto de extensão “Estudos do texto em contextos de ensino e de aprendizagem”, iniciou-se

² De acordo com Bakhtin: “Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1997. p 282).

uma pesquisa que visa investigar como estão sendo trabalhadas as habilidades de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, estão sendo realizadas observações e acompanhamento participativo em três turmas (do 1º ao 3ºano) de uma escola pública do município de Ponta Grossa-PR a fim de identificar e problematizar se nelas estão (ou não) sendo trabalhados, sistematicamente, os gêneros textuais.

O momento atual da pesquisa e a escrita deste documento permitirá a apresentação dos dados parciais, já que até o momento foram realizadas observações e entrevistas apenas no 1º e 2º anos do primeiro ciclo.

Objetivos

O objetivo do projeto de extensão que subsidia pesquisa é propiciar aos acadêmicos dos cursos de Letras e de Pedagogia um espaço de estudo, pesquisa e reflexão sobre a *importância dos gêneros textuais/discursivos para a formação do sujeito* – aluno e professor – leitor/produtor de textos em todas as esferas sociais. Aliado a este objetivo, a pesquisa em desenvolvimento tem como principal objetivo analisar se o ensino da leitura e da escrita nas classes de alfabetização está pautado na perspectiva dos gêneros textuais.

Referencial teórico-metodológico

O conceito de alfabetização esteve por muito tempo associado aos termos “codificação” e “decodificação”, porém sofreu grandes modificações ao longo do tempo, principalmente, a partir dos anos 1990 quando o termo alfabetização vem sendo associado a outro conceito: o de letramento. A partir daí muitos estudos vêm sendo desenvolvidos atestando a importância da indissociabilidade desses conceitos e suas práticas. Nas palavras de Soares:

Alfabetização e letramento se somam. Ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. Considero que é um risco o que se vinha fazendo, ou se vem fazendo, repetindo-se que alfabetização não é apenas ensinar a ler e a escrever, desmerecendo assim, de certa forma, a importância de ensinar a ler e a escrever. É verdade que esta é uma maneira de reconhecer que não basta saber ler e escrever, mas, ao mesmo tempo, pode levar também a perder-se a especificidade do processo de codificação de fonemas e decodificação de grafemas, apropriação do sistema alfabético e ortográfico da língua, aquisição que é necessária, mais que isso, é imprescindível para a entrada no mundo da escrita. Um processo complexo, difícil de ensinar e difícil de aprender, por isso é importante que seja considerado em sua especificidade. Mas isso não quer dizer que os dois processos, alfabetização e letramento, sejam processos distintos; na verdade, não se distinguem, deve-se alfabetizar letrando. (SOARES, 2000).

Além disso, cursos de formação continuada vêm sendo desenvolvidos no Brasil nesta perspectiva, como é o caso do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que oferece formação continuada em nível nacional, a professores dos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com os documentos utilizados para a formação desses profissionais, constatamos que o letramento, a alfabetização e os gêneros textuais caminham juntos. Um exemplo disso está no excerto a seguir:

Embora saibamos que, hoje, letramento é um conceito complexo e multifacetado, ao pensarmos no processo de alfabetização e de ensino-aprendizagem da escrita na escola, concebemos letramento como o conjunto de práticas de leitura e produção de textos escritos que as pessoas realizam em nossa sociedade, nas diferentes situações cotidianas formais e informais. Nessas situações, os gêneros textuais são incrivelmente variados e cada um deles tem características próprias quanto à estrutura composicional, quanto aos recursos linguísticos que usa, bem como quanto às finalidades para que é usado e aos espaços onde circula. Como Magda Soares (1998) e outros estudiosos, consideramos perfeitamente possível e adequado alfabetizar letrando, isto é, ensinar o SEA, permitindo que os aprendizes vivam práticas de leitura e de produção de textos, nas quais vão incorporando aqueles conhecimentos sobre a língua escrita. (BRASIL, 2012, p. 7).

Isso demonstra que a busca por uma alfabetização na perspectiva do letramento inclui diretamente o ensino dos gêneros textuais em sala de aula. Nessa perspectiva, a participação no Grupo de Estudos do Texto (GETE³) nos anos de 2014 e 2015, e os estudos ali realizados a partir da discussão de textos (como os de BEZERRA, 2005; MARCUSCHI, 2008; COSTA-HÜBES, 2007, entre outros) a respeito da importância do ensino/aprendizagem de gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa, suscitou o interesse em se pesquisar mais sobre o atual ensino dos gêneros textuais nas escolas de ensino fundamental, em especial no ciclo de alfabetização.

Assim, a pesquisa iniciou-se no mês de novembro de 2015 com observações no 1º ano do primeiro ciclo em uma escola de ensino fundamental do município de Ponta Grossa. Foram 13 dias observando as aulas de língua portuguesa, distribuídos de 2 a 3 dias na semana (totalizado aproximadamente 2 meses), e ao final das observações, foi feita uma entrevista com a docente da turma a fim de responder algumas perguntas a respeito do planejamento e execução de suas aulas. No início do ano letivo de 2016, mais precisamente em março, começaram as observações no 2º ano do 1º ciclo, seguindo os mesmos critérios já utilizados.

³ Uma das ações do projeto “Estudos do texto em contextos de ensino e aprendizagem”.

Segue-se, nos meses de abril e maio de 2016, as observações no 3º ano do 1º ciclo. Porém, com os dados já obtidos, é possível, provisoriamente, apresentar um panorama reflexivo do que foi observado.

Resultados

Na sala do primeiro ano, foram trabalhados com 8 gêneros textuais diferentes nos 13 dias em que ocorreram as observações. São eles: música, contos de fada, bilhete, cartaz, fábula (diferentes versões da fábula Galinha Ruiva), receita, cartão de natal e carta. A docente demonstrou entendimento sobre a importância do trabalho com diferentes gêneros textuais em sala de aula e sua sistematização (apesar dos gêneros música e contos de fada não terem sido sistematizados no momento que o trabalho com tais gêneros foram observados, o que não significa necessariamente que isso não foi feito em outras aulas, levando em conta o tempo de observação em sala). Em entrevista, quando questionada sobre a importância do trabalho com o texto e com o gênero em sala de aula, a professora do primeiro ano respondeu: “Eu acho que é muito importante pro letramento, né... Que o texto está presente na vida deles sempre, então é muito importante pro letramento e pra eles tarem desenvolvendo a leitura deles também. Por mais que ainda não leiam, no caso do primeiro ano”.

Esta fala demonstra a preocupação da professora com o letramento dos alunos e com a diversificação dos textos trabalhados em sala.

Já na sala do segundo ano, durante os 14 dias observados, a professora não trabalhou com nenhum gênero textual, demonstrando inclusive em sua fala, uma preocupação com o ensino de modo tradicional, partindo das letras para as sílabas, palavras etc. A maior preocupação observada foi com a decodificação das palavras e segundo dados da entrevista realizada com a mesma, “ (...) tem criança que ainda você tem que ir na metodologia antiga- BA, BE, BI, BO, BU... B e o A BA., né... Coisa que tem criança que já não, que já pode ir direto na palavrinha, no todo, né... Tem criança que já não você tem que começar pelo... né... você não pode, você ainda tem que repartir... Que não é o todo, coisa que eles querem que que a criança comece a ler pelo todo(...)”. Apesar de citar que são apenas algumas crianças que precisam do “método antigo”, o que se observou foi que não houve diversificação na metodologia, mas sim uma única forma de ensinar para todos. Além disso, em nenhum momento foi observada a preocupação com a leitura de textos/gêneros diversificados e/ou sua sistematização em sala de aula.

Considerações Finais

Após os estudos e as observações realizadas, é possível concluir que apesar da ampla divulgação dos estudos sobre o letramento e os gêneros textuais, tanto na formação inicial como na continuada, e de documentos oficiais como os PCNs e as avaliações externas demonstrarem a relevância do trabalho com o gênero textual em sala de aula, as práticas docentes observadas denotam iniciativas positivas no sentido de ampliar os letramentos dos alunos por meio do trabalho com a diversidade textual e de gênero (professora do 1º ano) e também resistências, como a revelada pela professora do 2º ano que rompe com o trabalho já iniciado pela professora do ano anterior.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão de Marina Appenzellerl. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.37-46.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação nacional da alfabetização** (ANA): documento básico. Brasília, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3**. Brasília, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.
- COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). **Sequência didática: uma proposta de ensino da Língua Portuguesa para as séries iniciais**. Cascavel: Assoeste, 2007. Caderno Pedagógico 01.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.144-225.
- NASCIMENTO, E. L. ; SAITO, C. L. N. Texto, discurso e gênero. In: Santos, Annie Rose dos; Ritter, Lílian Crstina Buzato. (Org.). **O trabalho com a escrita no Ensino Fundamental - Formação de professores EAD**. 1 ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005, v. 20, p. 11-40.

SOARES, M. **Letrar é mais que alfabetizar** - Nossa língua nossa Pátria. *Jornal do Brasil*, 26/11/2000. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm>. Acesso em 02/11/2010.